

**DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ABORDAGENS DA PSICOLOGIA
HISTÓRICO-CULTURAL NO DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO**

Débora dos Santos Januário

Discente do 4º ano de Psicologia, Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Sede - Umuarama
Endereço: Avenida Guilherme Rigolon, nº 1777, Jardim Cruzeiro, Cruzeiro do Oeste/PR,
87400-000

E-mail: debora.januario@edu.unipar.br

Isabela Carolina Fabris da Silva

Discente do 4º ano de Psicologia, Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Sede - Umuarama
Endereço: Rua Thomazini, nº 210, Ana Laura 1, Douradina/PR, 87485-000

E-mail: isabela.fabris@edu.unipar.br

Clarice Regina Catelan Ferreira

DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ABORDAGENS DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL NO DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO

RESUMO: Este trabalho destaca a abordagem do atendimento psicológico infantil na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. O processo é minuciosamente planejado e envolve o cuidado com familiares e crianças, tendo como princípio central a intencionalidade, garantindo que as ações e intervenções estejam alinhadas aos objetivos do paciente. Além disso, enfatiza a avaliação da idade pedológica para um diagnóstico abrangente. A mediação é crucial, considerando o contexto de vida da criança. Este artigo ressalta a importância da abordagem histórico-cultural na prática psicológica com crianças, visando promover seu desenvolvimento saudável e considerando sua singularidade e história de vida.

Palavras-chave: Mediação; Psicologia Histórico-Cultural; Intencionalidade.

ABSTRACT: This work highlights the approach of child psychological care from the perspective of Historical Cultural Psychology. The process is meticulously planned and involves the care of family members and children, having as a central principle intentionality, ensuring that actions and interventions are aligned with the patient's goals. In addition, it emphasizes the evaluation of pedological age for a comprehensive diagnosis. Mediation is crucial, considering the child's life context. This article emphasizes the importance of the historical cultural approach in psychological practice with children, aiming to promote their healthy development and considering their uniqueness and life history.

Keywords: Mediation; Historical Cultural Psychology; Intentionality.

RESUMEN: Este trabajo destaca el enfoque de la atención psicológica infantil desde la perspectiva de la Psicología Histórica Cultural. El proceso se planifica cuidadosamente e implica consultas con familiares y niños, con la intencionalidad como principio central, asegurando que las acciones e intervenciones estén alineadas con los objetivos del paciente. Además, se enfatiza en la valoración de la edad edafológica para un diagnóstico integral. La mediación es crucial, considerando el contexto de vida del niño. Este artículo destaca la importancia del enfoque histórico cultural en la práctica psicológica con niños, buscando promover su desarrollo saludable y considerando su singularidad y historia de vida.

Palabras clave: Mediación; Psicología Histórica Cultural; Intencionalidade.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos se destina a explorar em detalhes o processo de estágio curricular no campo da Psicologia, com um foco específico no atendimento psicológico infantil, que se baseia na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural. Nossa jornada metodológica é dividida em três partes distintas: primeiramente, fornecemos uma introdução abrangente à Psicologia Histórico-Cultural, destacando seus principais representantes e os princípios teóricos que norteiam essa perspectiva. Isso fornece o contexto teórico necessário para compreendermos as bases do nosso estágio. Em seguida, adentramos nas etapas do processo de atendimento infantil e por último a apresentação do roteiro seguido neste projeto de intervenção. Planejamos aproximadamente intervenções que envolvem não apenas a criança que está sendo atendida, mas também seus familiares.

Um aspecto fundamental que destacamos é a intencionalidade em cada passo do atendimento. Isso significa que todas as ações e intervenções são cuidadosamente planejadas e direcionadas para atender às necessidades e objetivos específicos do paciente. Além disso, enfatizamos a importância de avaliar a idade pedológica da criança como parte do diagnóstico. Isso nos permite entender melhor seu estágio de desenvolvimento, identificar dificuldades e potencialidades de maneira mais abrangente, sempre alinhados com os princípios da Psicologia Histórico-Cultural. Outro ponto relevante é a mediação ao longo do processo. Utilizamos técnicas e dinâmicas que auxiliam a criança a refletir sobre suas situações e conflitos. Essa mediação considera o contexto de vida da criança, sua história e seu desenvolvimento físico e psicológico, tornando o processo terapêutico mais eficaz e personalizado.

Esperamos que este artigo ofereça uma visão significativa para profissionais e estudantes da área, destacando a importância de uma abordagem contextual na prática psicológica com crianças. O objetivo final é promover um desenvolvimento saudável, levando em consideração a singularidade de cada criança e sua história de vida.

2. APRESENTAÇÃO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL (PHC)

Primeiramente vamos nos debruçar a apresentar alguns aspectos que consideramos essenciais para compreensão do embasamento teórico da prática relatada, ou seja, a apresentação da Psicologia Histórico-Cultural e os principais conceitos teóricos que sustentam a atuação profissional do Psicólogo.

A Psicologia Histórico-Cultural (PHC) concebe o desenvolvimento humano como resultado de processos culturais e históricos. Foi desenvolvida pelo psicólogo soviético Lev Vygotsky (1896-1934), seus colaboradores Alex N. Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria

(1902-1977), que viveram na Rússia na década de 1920, influenciando a teoria e a prática da psicologia desde então (FERREIRA, 2010).

Estes autores apoiaram-se no Materialismo Histórico Dialético como método de análise e dedicaram-se a estudar as Funções Psicológicas Superiores (FPS), como algo resultante da vida em sociedade, buscando compreender as leis que definem a forma com que os homens se organizam na história e que determinam o processo de desenvolvimento do homem como ser histórico e cultural. Para isso, estudaram os preceitos apresentados por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que aplicaram o método dialético ao estudo das relações sociais, da economia e da história, propondo assim uma Psicologia de base Marxista (PIRES, 1997).

Para estes autores, a Psicologia deve compreender a realidade social de maneira concreta, analisando todas suas fases e transformações, abandonando assim, a ideia de uma realidade aparente e buscando uma realidade que possa ser compreendida em todos seus aspectos (PIRES, 1997). A PHC propõe uma nova visão de homem ao compreender o mesmo como produtor e produto do mundo em que vive, analisando-o pelo seu processo de constituição e entendendo a formação de suas FPS, abarcando esse desenvolvimento em todas suas dimensões e modificações, desde seu início até o fim (FERREIRA, 2010).

De acordo com essa teoria, o processo de desenvolvimento psíquico deve ser entendido como uma parte do procedimento geral do desenvolvimento histórico da humanidade, Ferreira (2010), explica da seguinte forma:

[...] para compreendermos o desenvolvimento humano, é preciso partir de uma diferenciação entre funções psicológicas elementares ou primitivas e funções psicológicas superiores. São entendidas como elementares aquelas funções psicológicas que são garantidas pelo aparato biológico, comum tanto aos homens como aos animais. Como exemplos, podemos citar a atenção involuntária e memória imediata. Já as funções psicológicas superiores são atributos especificamente humanos e têm seu desenvolvimento apoiado na cultura. A memória, a atenção, a fala e o pensamento são exemplos destas funções (FERREIRA, 2010, p.8).

Segundo Ferreira (2010, p.83) o desenvolvimento das Funções Psicológicas Elementares (FPE) emerge a partir do amadurecimento de estruturas biológicas, sendo um processo observável tanto em seres humanos quanto em animais. Esse desenvolvimento é impulsionado pela evolução dos órgãos e sentidos, que se adaptam para favorecer a sobrevivência, com foco nas funções vitais essenciais. Dessa forma, as FPE são consideradas como a base para o desenvolvimento das FPS, como o pensamento abstrato, o raciocínio lógico e a resolução de problemas. Logo, na perspectiva histórico-cultural, as FPS são construídas ao longo da vida da pessoa, por meio de sua interação com o meio social e cultural, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo

e psicológico, e a partir das FPE, por meio de um processo de internalização e desenvolvimento individual (FERREIRA, 2010).

De acordo com Vigotski (1931/1995 *apud* FERREIRA, 2010, p. 52), as FPS são caracterizadas por serem mediadas por signos e símbolos, por exemplo, a linguagem é adquirida a partir da interação com outras pessoas, sendo inicialmente utilizada como uma ferramenta externa para a comunicação. Com o tempo, a criança internaliza a linguagem, tornando-a parte de seu pensamento e possibilitando o desenvolvimento de processos mentais mais complexos. Assim, a criança internaliza conceitos e estratégias de pensamento ao interagir com adultos mais experientes, como pais e professores, que fornecem orientação e mediação no desenvolvimento de habilidades cognitivas (FERREIRA, 2010).

A linguagem desempenha um papel crucial na formação das FPS. Ela serve como um sistema simbólico que permite à pessoa refletir sobre seus pensamentos e regular seu comportamento. Por meio da linguagem, a criança adquire a capacidade de planejar, antecipar consequências e resolver problemas de forma mais elaborada. Além desta, outros instrumentos culturais como sistemas de escrita, ferramentas tecnológicas e artefatos simbólicos também desempenham um papel importante no desenvolvimento das FPS (VIGOTSKI, 1930/1984, p. 31 *apud* FERREIRA, 2010, p. 52/53). Esses instrumentos externos integram-se ao pensamento da pessoa, ampliando suas capacidades cognitivas e permitindo a realização de tarefas complexas (TOSTA, 2012).

Sendo assim, as FPS são formadas gradualmente, ao longo do desenvolvimento, por meio da internalização das FPE, mediadas pela cultura, pela interação social e pelo uso de signos e símbolos. Esse processo resulta em um aumento na capacidade cognitiva e na habilidade de lidar com desafios e demandas mais avançadas (TOSTA, 2012).

Dito que as FPS são o que difere os homens dos demais animais, considera-se que a apropriação cultural é determinante para o desenvolvimento humano, pois desempenha um papel fundamental no contexto sociocultural, é através dela que o desenvolvimento produzido pela humanidade é levado adiante. A PHC destaca que os seres humanos não nascem com habilidades inatas, mas se desenvolvem por meio da interação com outras pessoas, da apropriação do conhecimento e das práticas culturais existentes em sua sociedade (TOSTA, 2012, p. 62). Enfatizando a importância das ferramentas psicológicas e culturais, como citado acima, a linguagem, os sistemas simbólicos e as atividades mediadas por estímulos, na formação do pensamento e do comportamento humano.

Desse modo, a apropriação cultural refere-se ao processo pelo qual os indivíduos internalizam e adotam elementos culturais, como valores, crenças, normas, práticas e conhecimentos, que são transmitidos por meio da interação social e das instituições culturais. Essa

apropriação ocorre por meio do aprendizado e da imitação das atividades e comportamentos observados nas pessoas ao redor. Assim, considera-se que a apropriação cultural é uma ação ativa, na qual os indivíduos não recebem passivamente a cultura, mas também a transforma por meio de sua participação e interação social (TOSTA, 2012, p. 63). Durante esse processo, os indivíduos internalizam as ferramentas culturais e as utilizam para regular seu próprio pensamento e comportamento. Essa internalização ocorre inicialmente de forma externa, através da mediação de outras pessoas, mas, gradualmente, internaliza-se no próprio indivíduo (TOSTA, 2012).

Levando em conta esse fato, a apropriação cultural desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano ao fornecer às pessoas as ferramentas cognitivas e culturais necessárias para o pensamento e o comportamento adaptativo. Por meio da apropriação cultural, os indivíduos adquirem habilidades, conhecimentos e formas de pensamento que são valorizados em sociedade e que os ajudam a se engajar e participar ativamente de seu contexto cultural e histórico (TOSTA, 2012). Como exemplo, através do trabalho, que é entendido como uma ação do homem sobre a natureza, o homem produz o mundo e se faz como produto dessa relação, estando em constante transformação a partir das necessidades vivenciadas em cada momento histórico. Segundo Ferreira (2010), “evidencia-se a necessidade de que o homem deva ser compreendido como um ser situado no tempo e no espaço, que se relaciona com o mundo, apropriando-se dele, transformando-o e sendo também transformado por ele” (FERREIRA, 2010, p. 48).

Partindo desse pressuposto, a PHC traz grande destaque ao papel da mediação, considerando que o comportamento humano/desenvolvimento do homem e da humanidade só é possível sendo culturalmente mediado (FERREIRA, 2010). Mediação, em termos generalizados, é o processo de intervenção de um recurso intermediário numa relação. A relação deixa de ser direta e se torna então mediada por esse recurso. A presença de recursos mediadores estabelece uma ligação a mais nas relações organismo/meio, deixando-as mais complexas. Ao decorrer do desenvolvimento do sujeito as relações mediadas predominam sobre as relações diretas. Vigotski afirma então que a relação do homem com o mundo não acontece de forma direta, mas sim, de uma forma mediada. As FPS são ferramentas auxiliares da atividade humana, e são mediadores fundamentais. Vigotski definiu dois tipos de recursos mediadores: instrumentos e signos. (OLIVEIRA,1997)

O instrumento é um recurso mediador entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, desenvolvendo as possibilidades de transformação na natureza. Por exemplo, o machado corta melhor que a mão humana e a vasilha pode armazenar água. O instrumento geralmente é desenvolvido para cumprir um objetivo. É importante destacar que alguns animais também fazem o uso de instrumentos para garantir sua sobrevivência na natureza, como o macaco é capaz de usar uma vara para alcançar as frutas mais altas nas árvores, porém, diferente dos homens não produzem instrumentos com objetivos específicos e nem os guardam para usar mais tarde, ou para passar para

outras gerações. São capazes de fazer seu uso em um momento específico, mas não potencializa sua relação com o meio num processo histórico-cultural, como o homem (OLIVEIRA, 1997).

O signo age como um recurso da atividade psicológica de maneira semelhante ao papel do instrumento no trabalho, (VYGOTSKY 1978 apud OLIVEIRA 1997, p. 30) . São mediadores para o próprio sujeito, para dentro de si e apontam para o controle das ações psicológicas, seja do próprio indivíduo ou de outras pessoas. São recursos que auxiliam nos processos psicológicos e não nas ações concretas, como os instrumentos. O processo de mediação por meio de instrumentos e signos, é necessário para o desenvolvimento das FPS, sendo um desenvolvimento essencial para oportunizar atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio sujeito (OLIVEIRA, 1997)

Dentro dessa estrutura de pensamento, o papel do psicólogo adquire uma relevância fundamental, pois desempenha um papel ativo ao criar cenários propícios para interações genuínas. Isso é facilitado através de diálogos enriquecedores, compartilhamento de experiências e cooperação em atividades conjuntas com o profissional. Além disso, sua mediação promove reflexões profundas, fornecendo pistas, introduzindo jogos e empregando uma variedade de instrumentos. Para construir um ambiente de reavaliação, é importante cultivar relações horizontais, onde todos são tratados com igualdade. Isso implica em compreender e respeitar o tempo e a maneira única que cada indivíduo tem para chegar a suas próprias conclusões. A intervenção do psicólogo ocorre por meio de questionamentos e observações que abrem novas perspectivas. Dessa forma, o psicólogo não fornece respostas definitivas, mas auxilia no processo de reflexão, ajudando a traduzir informações complexas em conceitos compreensíveis, fornecendo suporte personalizado para o avanço do indivíduo. Além disso, é fundamental adotar uma abordagem crítica na análise da realidade. Isso implica olhar para o mundo com um olhar questionador, fazer perguntas que levem a exploração mais profunda e desafiar as verdades estabelecidas. Essa atitude contribui para uma compreensão mais profunda do mundo ao nosso redor (PEREIRA; SAWAIA, 2020).

Ao postular sobre o processo de desenvolvimento humano, Vigotski (1984) propôs a compreensão sobre as zonas de desenvolvimento. Para ele, o desenvolvimento cognitivo de uma pessoa não pode ser compreendido apenas por aquilo que ela já alcançou (zona de desenvolvimento real), mas também pelas habilidades a que ela está próxima de alcançar com a ajuda de outras pessoas e através da mediação (zona de desenvolvimento potencial). Dessa forma, considera-se importante analisar a zona de desenvolvimento proximal, que representa a distância entre o que o indivíduo é capaz de fazer de forma independente – zona de desenvolvimento real – e o que ele é capaz de fazer com o auxílio de alguém mais experiente, geralmente um adulto ou um parceiro de aprendizado – zona de desenvolvimento potencial (VIGOTSKI, 1984).

Vigotski (1984) explica que a zona de desenvolvimento real representa a faixa de habilidades e conhecimentos que uma pessoa já possui e consegue realizar de forma independente, sem ajuda ou mediação, representando um conjunto de conhecimentos, habilidades e capacidades que o indivíduo já internalizou e pode aplicar autonomamente em diversas situações. Já a zona de desenvolvimento potencial representa a faixa de habilidades e conhecimentos que o indivíduo está prestes a adquirir com o auxílio e mediação de uma pessoa mais experiente. E a zona de desenvolvimento proximal, considerada como a distância entre o que o indivíduo é capaz de fazer de forma independente e o que pode alcançar com os estímulos adequados, nos permite observar em qual grau de desenvolvimento o mesmo está e como está amadurecendo determinada função, sendo vista essa fase como um processo de maturação (VIGOTSKI, 1984). Isso envolve a sugestão de que as pessoas enfrentem desafios um pouco além do que já sabem, trabalhando com alguém mais experiente ou seguindo orientações detalhadas para resolver problemas mais complexos (VIGOTSKI, 2012 - *apud* - PEREIRA; SAWAIA, 2020).

A interação social e a mediação cultural desempenham um papel fundamental para impulsionar o desenvolvimento na zona de desenvolvimento proximal e a transição das habilidades potenciais para o nível real de desenvolvimento. Dessa forma, enfatizamos a importância do suporte adequado para o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem. Pois, entende-se que através da colaboração com outras pessoas, especialmente aquelas que possuem habilidades mais avançadas, o indivíduo pode internalizar novos conhecimentos, adquirir competências mais complexas e desenvolver suas FPS (VIGOTSKI, 1984).

3. OS ENCONTROS DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

Dentro da abordagem histórico-cultural, os métodos empregados em *settings* terapêuticos com crianças baseiam-se no entendimento de que o desenvolvimento humano é profundamente influenciado pelo contexto cultural, pelas relações sociais e pela história. Essa perspectiva valoriza a análise crítica das interações entre a criança e o ambiente que a cerca. Ao utilizar brincadeiras e atividades lúdicas, os profissionais buscam entender como a criança se expressa e interage em seu cotidiano. Isso permite a observação das formas pelas quais as influências culturais e históricas se manifestam em suas interações, jogos e comportamentos, fornecendo *insights* sobre a construção de sua identidade e seu entendimento do mundo. Através de histórias, desenhos e outras formas de expressão criativa, as crianças podem compartilhar sentimentos profundos, percepções e experiências passadas. Os psicólogos exploram essas narrativas para compreender como essas vivências moldaram a visão de mundo da criança, possibilitando a exploração de emoções e crenças enraizadas.

Entrevistas e conversas informais proporcionam um espaço acolhedor para que a criança

compartilhe pensamentos e sentimentos. Essas conversas informais também incentivam o desenvolvimento da habilidade de análise crítica, capacitando a criança a questionar e compreender seu mundo de maneira mais profunda. Além disso, a exploração criativa através de atividades como desenho, pintura e modelagem possibilita uma expressão mais livre e não verbal das emoções. O psicólogo analisa essas criações com base nas influências culturais, revelando elementos inconscientes que podem estar influenciando o desenvolvimento da criança.

Por fim, envolver a criança em projetos educativos e sociais, como oficinas, passeios que abordam questões culturais e históricas, oferece oportunidades para expandir sua compreensão crítica e empática do mundo. Esses projetos incentivam a criança a se envolver ativamente na construção de conhecimento e no desenvolvimento de um pensamento crítico em relação à sua cultura e à sociedade em que está inserida. Sendo assim, a PHC enfoca uma abordagem rica e diversificada para entender e auxiliar o desenvolvimento infantil, integrando de maneira profunda as influências culturais e históricas que moldam a experiência da criança. No cerne desses métodos possuímos o objetivo de promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, levando em consideração essa interação complexa entre a cultura, a história e o ambiente em que a criança vive e se desenvolve.

Na PHC, o atendimento às crianças pode variar dependendo do contexto em que ocorre. No cenário do atendimento individual, a ênfase é colocada na construção de uma relação próxima e colaborativa entre o psicólogo e a criança. Essa proximidade permite criar um ambiente no qual a criança se sinta à vontade para explorar e aprender. Durante as sessões, jogos e atividades desafiadoras são utilizados para estimular tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o emocional da criança. Um aspecto fundamental é a noção de zona de desenvolvimento proximal, onde o psicólogo fornece suporte direcionado para que a criança alcance níveis mais avançados de aprendizado. Quando se trata de atendimento em grupo, o objetivo é fomentar as interações sociais e a construção conjunta de conhecimento entre as crianças. Por meio de discussões, projetos em equipe e atividades cooperativas, as crianças aprendem umas com as outras, compartilhando ideias e solucionando desafios em conjunto. Esse ambiente de colaboração não apenas auxilia no desenvolvimento cognitivo, mas também fortalece as habilidades sociais, como comunicação, empatia e trabalho em equipe.

No atendimento em família, o foco se expande para incluir os pais ou cuidadores no processo. Aqui, o psicólogo orienta os pais sobre como criar um ambiente enriquecedor em casa. Isso pode envolver práticas como a leitura de histórias, diálogos abertos e a incorporação de elementos culturais relevantes na rotina. Pode-se também envolver os familiares trabalhando através da alternância entre as sessões de atendimento à criança e sessão de atendimento aos pais para orientação e devolução. As sessões são planejadas a cada encontro, de acordo com a demanda que

surge na sessão anterior. A interação familiar significativa desempenha um papel crucial no desenvolvimento saudável da criança, proporcionando um suporte constante dentro de um ambiente familiar acolhedor (SILVA, 2023).

Independentemente do contexto, a chave é reconhecer a criança como um participante ativo na construção do próprio conhecimento, influenciado pelo ambiente cultural e social ao redor. Adaptar a abordagem de acordo com as necessidades únicas de cada criança é essencial, bem como criar um ambiente seguro, respeitoso e estimulante que permita o florescimento de suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais (SILVA, 2023).

Com a entrevista temos como objetivo principal compreender o desenvolvimento psicológico da criança, considerando que o mesmo se dá por meio da interação social e cultural. Para o desenvolvimento do atendimento infantil, o primeiro contato com o caso se dá através da entrevista com um familiar responsável e depois o mesmo procedimento com a criança atendida.

As entrevistas iniciais com a família e com a criança desempenham papéis distintos, porém complementares, no processo de compreensão e intervenção. A entrevista inicial com a família tem como foco principal a coleta de informações sobre o contexto em que a criança está inserida e sobre a queixa apresentada. Isso inclui aspectos como a dinâmica familiar, o ambiente doméstico, as relações entre os membros da família e as experiências que podem estar influenciando o comportamento e o desenvolvimento da criança. Essa entrevista permite ao profissional compreender o cenário mais amplo no qual a criança está crescendo, identificar possíveis fatores de risco ou de proteção e estabelecer uma relação de confiança com os pais ou responsáveis. (VIEIRA, 2022).

A entrevista inicial com a criança se concentra diretamente na perspectiva dela. O objetivo é criar um espaço seguro e acolhedor para que a criança possa expressar seus sentimentos, pensamentos e experiências. O psicólogo utiliza estratégias e técnicas adequadas à faixa etária da criança para facilitar a comunicação e entender suas percepções sobre si mesma, suas emoções, relações e desafios. Essa entrevista é essencial para desenvolver uma compreensão mais profunda da vivência subjetiva da criança (VIEIRA, 2022).

Portanto, a diferença fundamental entre a entrevista inicial com a família e a entrevista inicial com a criança está no foco: a primeira visa entender o contexto e as influências externas, enquanto a segunda busca compreender a perspectiva interna e subjetiva da criança. Ambas as entrevistas são essenciais para formar uma visão completa da criança, permitindo ao psicólogo adaptar suas intervenções de forma mais eficaz e sensível às necessidades da criança e ao contexto familiar (VIEIRA, 2022).

Tanto na entrevista com o familiar responsável quanto na entrevista com a criança, a metodologia se volta à busca por informações sobre o processo de construção dos conhecimentos,

das habilidades e das formas de pensamento da criança dentro de um contexto cultural específico. Na PHC, a entrevista é concebida como uma ferramenta de pesquisa que permite ao psicólogo investigar como as crianças constroem seu conhecimento em interação com os outros, como usar uma linguagem para expressar seus pensamentos e como se apropriar das práticas e dos significados culturais em seu desenvolvimento (PRESTES; TUNES, 2012).

A entrevista também está relacionada à compreensão dos processos de internalização e externalização das FPS. Por meio das expressões verbais na entrevista, o psicólogo busca identificar os instrumentos culturais que medeiam o desenvolvimento cognitivo e as formas como a família e a criança utilizam para resolver problemas e desafios. Além disso, a entrevista também pode ser utilizada para compreender as experiências emocionais e afetivas da criança, buscando identificar como as emoções são expressas e reguladas dentro do contexto cultural em que a mesma está inserida (PRESTES; TUNES, 2012).

Os encontros iniciais do atendimento precisam dar respaldo à avaliação da demanda que chega ao atendimento psicológico. É por meio da avaliação da demanda que são planejadas as intervenções a serem executadas com vista a atingir o objetivo de auxiliar no processo de desenvolvimento e superação de dificuldades. Esse momento permite conhecer melhor o modo como a própria criança se relaciona com o psicólogo e com as atividades de seu cotidiano e, assim, permite ao psicólogo definir abordagens específicas a serem adotadas ao longo dos encontros. Os atendimentos podem se apoiar em brincadeiras de papéis sociais, outros em jogos, e a escolha das metodologias precisa ser coerente com as características daquele que é atendido e do propósito do atendimento.

O foco é entender as peculiaridades do sujeito em sua relação com a cultura e com o ambiente em que vive. Portanto, a avaliação começa por considerar o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido, incluindo a família, a comunidade, a escola e outras instituições que exercem influência sobre a vida do sujeito. A análise da história de vida do indivíduo é relevante para compreender como ele foi influenciado por experiências passadas e como essas experiências moldaram sua personalidade e capacidades cognitivas, observando quais sentidos o mesmo atribuiu a essas vivências. Como dito anteriormente, a PHC enfatiza a importância da mediação vivida na formação do psiquismo humano. Por meio da linguagem, símbolos e ferramentas culturais, as pessoas são capazes de se desenvolver e construir conhecimento. Dessa forma, visamos a identificação da zona de desenvolvimento proximal, com intuito de compreender quais habilidades estão em desenvolvimento (VIGOTSKI, 1997).

A avaliação é realizada por meio de um diálogo colaborativo entre o psicólogo e o indivíduo. A interação com o indivíduo é considerada fundamental para entender seus processos, emoções, sentidos e construções culturais. Enfatizamos a importância dos aspectos afetivos e

emocionais na formação do psiquismo humano. A avaliação deve considerar esses aspectos e como eles influenciam o comportamento e o desenvolvimento da pessoa. Os instrumentos culturais utilizados pelo indivíduo, como a escrita, a arte, os jogos e outras formas de expressão, também são considerados na avaliação. Eles podem fornecer informações valiosas sobre as habilidades e competências do sujeito, auxiliando no processo de identificação da zona de desenvolvimento proximal. A avaliação nessa perspectiva não se limita a identificar problemas, mas busca compreender as possibilidades de desenvolvimento e intervenção, visando auxiliar o indivíduo em sua trajetória de crescimento. É importante destacar que a PHC valoriza a ideia de que o desenvolvimento humano é um processo contínuo e influenciado pela cultura e pelas relações sociais. A avaliação busca, portanto, entender esses aspectos para fornecer uma compreensão abrangente do indivíduo e sua demanda específica (VIGOTSKI, 1997).

No encontro inicial com a família é essencial para a investigação, que a família volte sua atenção para a criança, refletindo seu papel sobre o desenvolvimento desta e na formação da queixa, vislumbrando o que poderia ser feito de diferente para revertê-la. Caso a queixa seja formulada pela escola é importante perguntar aos familiares se eles têm conhecimento sobre a mesma, pois é crucial que eles estejam envolvidos no processo (VIEIRA, 2022).

É necessário investigar vários aspectos da vida dessa criança, como particularidades hereditárias, sua composição familiar, problemas de saúde na família e na criança e tratamentos realizados. Peculiaridades do ambiente, buscando informações sobre a influência do meio na formação de sua personalidade. História do desenvolvimento intrauterino e extrauterino, visando saber se o desenvolvimento da criança foi dentro do esperado e se existe algum fator, complicação que possa interferir na dificuldade apresentada na queixa pela família/escola. O desenvolvimento psicomotor, que tem o objetivo de conhecer quais ajudas foram necessárias, quem ajudou, como ajudou, por quanto tempo ajudou a realizar tais processos, como: controle da cabeça, sentar sem ajuda ou com ajuda, engatinhar, andar, correr, controle dos esfíncteres, pular, etc. O adulto é quem possibilita que esse desenvolvimento aconteça, ele atua como mediador nessa relação.

O desenvolvimento da linguagem, por sua vez, investiga como se deram os primeiros balbucios, primeiras palavras, primeiras frases, etc. Os hábitos de higiene, para saber se a criança realiza tarefas como banhar-se, escovar os dentes, vestir-se de forma autônoma ou com ajuda e quem o ajuda. Hábitos de alimentação buscando informações se a criança realiza adequadamente as refeições e se ingere alimentos importantes para seu desenvolvimento. O Hábito de sono procura saber se a criança chega à escola com energia suficiente para aprender as atividades propostas, neste momento é importante questionar o horário em que a criança dorme, quantas horas dorme, que horas acorda e se dorme durante o dia. A história da educação da personalidade se refere ao caráter

da criança, a fim de saber como a criança soluciona a tensão entre seu modo de vida e as suas potencialidades, conhecimentos e cobranças ao seu redor (VIEIRA, 2022).

Também se faz importante saber sobre a relação da criança com a escola e como é o relacionamento da criança com outras crianças e outros adultos, seu rendimento escolar, o sentido que a criança atribui à escola, à frequência escolar, quais atividades são realizadas com êxito e a qualidade das atividades que realiza. Este processo de avaliação com a família, já é uma intervenção, pois os levam a refletir sobre o desenvolvimento da criança e sobre como agem frente às dificuldades apresentadas (VIEIRA, 2022).

Já no primeiro encontro com a criança se busca conhecer a história do seu desenvolvimento a partir dela mesma, trazendo seu entendimento sobre família, escola e sobre ela própria. Se ela sabe por que está sendo submetida ao atendimento psicológico e sobre a queixa de modo compreensível. É importante questionar também se a criança sabe qual é a função do psicólogo e apresentar como funciona o trabalho do mesmo, explicando quantas vezes estarão reunidos, como funcionará os atendimentos, explicar sobre a questão do sigilo ético e também sobre o contrato terapêutico. Outra ação importante é verificar os conhecimentos básicos da criança, observando se ela sabe seu nome completo, o nome da escola, dias da semana, meses do ano, estações do ano, etc. (VIEIRA, 2022).

Dentre as atividades que podem ser propostas para a interação com a criança nos encontros iniciais, pode-se utilizar a criação de desenhos para que a criança demonstre melhor como se sente nos espaços como escola e família. O desenho, apesar de ser muito usado para fins diagnósticos, deve se tomar um certo cuidado para não “condenar” uma criança sem justa causa (VIEIRA 2010 *apud* SILVA; RIBEIRO, 2004, p. 45). O desenho é utilizado como um produto da atividade mental e caso a criança se recuse a desenhar, é importante ter em mãos massinhas de modelar ou outras formas que a criança possa representar seu cotidiano e suas relações. O caderno da criança também é uma forma de conhecê-la e conhecer suas dificuldades e suas potencialidades, mas ele não deve ser solicitado e sim apresentado pela criança. Nele contém informações importantes que até a própria família pode desconhecer por não dar a devida importância ao material, como por exemplo, em que a criança está possuindo dificuldades (VIEIRA, 2022).

O diagnóstico faz parte da prática profissional do Psicólogo e comprova o quão interligados são os processos de avaliação x intervenção na Psicologia Histórico-Cultural. Podemos dizer que a avaliação, de modo geral, acontece desde o no início do atendimento psicológico, tendo como resultado um diagnóstico com o foco na compreensão da dinâmica do desenvolvimento da criança, sem necessariamente ter a intenção de classificação regulada por condutas diagnósticas, a exemplo do Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e Classificação Internacional de Doenças (CID).

4. REFLETINDO SOBRE O PERCURSO:

Quando iniciamos o processo de atendimento psicológico infantil, nosso primeiro passo para a intervenção foi o planejamento de um roteiro metodológico para subsidiar o projeto de intervenção individual a ser elaborado e executado com cada criança atendida pelo projeto.

A princípio, consideramos o calendário letivo para elaborar o cronograma dos atendimentos e, a partir dele, decidimos que seria executada uma média de doze atendimentos a cada criança. A partir dessa definição, buscamos elaborar um cronograma que desse conta dos elementos necessários para a realização do atendimento infantil e posteriormente um relatório psicológico, envolvendo o acolhimento inicial, avaliação da demanda, definição dos procedimentos de intervenção, encaminhamentos necessários e análise do atendimento.

O estágio específico para a formação do Psicólogo na UNIPAR está estruturado preservando a meta de atender à Resolução nº 06/2019 do Conselho Federal, o qual “institui regras para a elaboração de documentos escritos produzidos pela(o) psicóloga(o) no exercício profissional.” (CFP, 2019). O que nos leva a organizar de antemão a pasta de cada pessoa atendida, respeitando as necessidades de registro em prontuário e guarda documental.

Importante salientar que, embora os procedimentos de registro de documentos e procedimentos básicos para um atendimento psicológico sejam similares a todos os Psicólogos, o referencial teórico que orienta a prática é o que dá respaldo para o método de trabalho do profissional e também é o que guia a metodologia adotada para as intervenções. Dito isso, ressaltamos que, para a PHC é inerente a reflexão sobre a intencionalidade presente na prática profissional do psicólogo e considerando que a mediação intencionalmente direcionada aos atendimentos é o que sustenta a metodologia adotada, o que pressupõe que os recursos utilizados para cada atendimento – desde os roteiros de entrevista até os jogos e brincadeiras utilizadas – são eleitos pelo Psicólogo a partir de uma reflexão prévia sobre o motivo de sua utilização.

Para este projeto de intervenção, elaboramos um cronograma que contempla como protocolo geral, no mínimo, dois atendimentos com um familiar responsável pela criança atendida e, em média, outros dez atendimentos realizados com a criança. Os atendimentos com o familiar responsável, acontecem como primeiro do caso e a outra no fechamento do processo desse atendimento. O primeiro tem como finalidade a coleta inicial de informações sobre a criança e o motivo da busca pelo atendimento psicológico, bem como para o preenchimento dos documentos necessários para a realização do atendimento infantil (autorização e contrato assinados, conforme prevê a Resolução Nº 13, de 15 de julho de 2022), e outro ao final, com a intenção de proceder com uma devolutiva sobre o processo e encaminhamentos pertinentes. Ao longo do processo, esse

familiar pode ser acessado outras vezes, em atendimentos voltados ao levantamento de informações e/ou orientações.

Os atendimentos desenvolvidos com a criança visam o oferecimento do atendimento psicológico propriamente dito, de modo que o planejamento de cada uma das sessões de atendimento se apoia na necessidade individual na relação que cada criança requer. De um modo geral, podemos dizer que o primeiro encontro é o momento do profissional e da criança se conhecerem mutuamente e estabelecerem o início de uma relação profissional voltada à superação de supostas necessidades. Pensando em um projeto estruturado por um número limitado de atendimentos, o planejamento prevê que deva haver um tempo inicial dedicado para a avaliação do desenvolvimento da criança e da demanda trazida ao atendimento psicológico. Posteriormente são desenvolvidos atendimentos que visam o desenvolvimento da criança e superação das demandas, depois um momento para uma devolutiva com a criança sobre o processo vivenciado e sobre a organização das informações constantes na entrevista devolutiva com o familiar responsável e, por último, um atendimento voltado ao fechamento do processo e despedida entre o profissional e a criança. O quadro abaixo ilustra a sistematização desse percurso de atendimentos.

Tabela 1- Percurso de atendimento.

Nº do atendimento	Objetivo do atendimento	Pessoa que comparece ao atendimento
1º	Colher informações e conhecer a queixa	Responsável
2º	Estabelecimento de vínculo	Criança
3º	Colher informações	Criança
4º	Analisar o desenvolvimento	Criança
5º	Devolutiva	Criança
6º	Devolutiva	Responsável
7º	Superação da demanda	Criança
8º	Superação da demanda	Criança
9º	Superação da demanda	Criança
10º	Devolutiva	Criança
11º	Devolutiva	Responsável
12º	Finalizar o processo	Criança

Fonte: elaborado pelas autoras.

A tabela acima apenas sistematiza um modelo inicial de cronograma, para subsidiar o planejamento do processo de atendimento. É necessário destacar essa informação tendo em vista que não compreendemos o projeto de intervenção como um projeto estanque que pode ser executado indiscriminadamente com qualquer pessoa que possa ser atendida. Trata-se apenas de um quadro de referência para a organização do Psicólogo responsável pelo atendimento.

Para a PHC a intencionalidade da prática profissional é o que guia de fato todo o processo e deve estar sempre presente no planejamento, intervenção e análise do atendimento realizado – cada um dos atendimentos e o conjunto de todos os atendimentos voltados a cada pessoa atendida. A ênfase na intencionalidade destaca que cada ação e decisão tomada pelo psicólogo devem estar alinhadas com os objetivos e necessidades do paciente, respeitando seu contexto único e histórico.

No planejamento, a intencionalidade se manifesta na definição clara dos objetivos terapêuticos e das estratégias a serem empregadas para alcançá-los. Isso implica não apenas considerar os aspectos psicológicos do paciente, mas também sua história de vida, sua cultura, seus sistemas de crenças e valores. A intencionalidade guia o psicólogo a moldar o atendimento de forma apropriada e sensível, garantindo que as intervenções sejam direcionadas para as necessidades específicas do indivíduo. Durante os atendimentos, a intencionalidade se reflete na escolha das abordagens e ferramentas utilizadas, onde cada estratégia é selecionada com base na compreensão profunda do paciente e no propósito de promover mudanças positivas. A análise constante da intencionalidade nesse estágio permite ajustes e adaptações conforme as respostas do paciente e as evoluções do processo terapêutico (PRESTES; TUNES, 2012).

Por fim, a análise do atendimento engloba a reflexão sobre a eficácia das intervenções, a evolução do paciente e a avaliação dos resultados alcançados em relação aos objetivos estabelecidos. Esse processo de avaliação não se limita apenas ao atendimento individual, mas também considera o conjunto de atendimentos prestados a cada pessoa, proporcionando um olhar abrangente sobre cada trajetória. Dessa forma, a intencionalidade, para a PHC, é um princípio que permeia todas as etapas do atendimento. Ela assegura que cada ação, decisão e intervenção sejam orientadas para os objetivos e necessidades do paciente, resultando em um processo terapêutico profundo, significativo e adaptado à singularidade de cada indivíduo (PRESTES; TUNES, 2012).

Assim, através da mediação, conseguimos auxiliar com técnicas e dinâmicas o sujeito, para que o mesmo pudesse refletir sobre determinadas situações que o afeta e quais as melhores maneiras de lidarmos com esses conflitos. E para que isso ocorra levamos em consideração todo o contexto envolvido, desde o nascimento até o momento atual que o indivíduo se encontra, pois durante toda a vida é pela mediação que ocorre o desenvolver físico e psicológico. Sendo assim, a partir da relação histórico-cultural e da mediação como estratégia de intervenção conseguimos

identificar e analisar em qual grau de desenvolvimento o indivíduo está e como está amadurecendo determinada função, para assim poder intervir (FERREIRA, 2010).

Considerando esse papel do Psicólogo, como mediador de um processo e que exerce essa função com intencionalidade, Vieira (2022) apresenta a proposta de que cada um dos atendimentos psicológicos seja chamado de “encontro” para se referir às entrevistas, visto que remete a transformação, contrariando o que se pensava e provocando reflexões sobre o motivo da avaliação presente, em contraponto com a expressão sessão, que é concebida como uma unidade de atendimento e a expressão entrevista ou anamnese, que se origina do grego como “o ato de trazer a mente e está relacionado ao passado, que não aponta para um momento que provoca reflexões ou mudanças na forma de pensar. Além disso, este termo - anamnese - foi desenvolvido historicamente para um olhar medicalocêntrico para a doença sem considerar a pessoa adoecida. (VIEIRA, 2022).

Dessa forma, o processo de avaliação da demanda é realizado de forma abrangente, considerando a interação entre o indivíduo e o meio social e cultural. Buscando compreender como a história do sujeito, suas experiências e contextos sociais influenciam o desenvolvimento psicológico. A avaliação envolve análise de registros históricos, entrevistas, observações e análise de situações significativas da vida do indivíduo, a fim de compreender suas necessidades e demandas psicológicas (VIGOTSKI, 1997).

5. OS ENCONTROS FINAIS:

Pelos pressupostos da PHC, defende-se que para a execução de uma intervenção psicológica realista com tal público, é fundamental investigar o histórico de vida da criança, o cenário de seu nascimento e desenvolvimento, os vários contextos em que está inserida, como família e escola. Para isso, é essencial o diálogo frequente com os pais ou responsáveis. Ademais, para a promoção de saúde mental da criança, é necessário, frequentemente, mudanças no seu contexto de vida, especialmente, nos formatos de suas relações sociais e em suas interações com os adultos que as educam, o que inclui intervenções de escuta, acolhimento e orientação das pessoas de seu convívio social próximo. E, após os encontros com a criança e a avaliação sobre sua rotina e seu desenvolvimento psicológico, como elucida Castro, é chegada a hora de conversar novamente com os pais ou responsáveis sobre os métodos empregados na investigação realizada; as observações clínicas; as respostas da criança; os conteúdos simbólicos apresentados por ela; e assim, organizar um plano terapêutico de intervenção com a criança e encontros de orientação a família (CASTRO, 2021).

Nos primeiros encontros com a criança o objetivo é a criação de estabelecimento de vínculo onde se busca conhecer a criança a partir dela mesma. Orientar a criança sobre o planejamento, sobre como acontecerão os encontros, sobre o sigilo ético, são comportamentos essenciais para este

estabelecimento de vínculo e confiança da criança no profissional. Essa nova experiência da criança faz com que futuros atendimentos em que ela venha a precisar, aconteçam de forma mais leve e com melhor aceitação da parte da criança, já que a mesma possui o conhecimento sobre os encontros (CASTRO, 2021).

A resolução CFP N°006/2019, discursa sobre a regularidade dos documentos psicológicos e elucida que “É dever do psicólogo informar a quem de direito, os resultados decorrentes da prestação de serviços psicológicos”. Referente ao psicodiagnóstico com crianças, a entrevista de devolutiva deve ser apresentada à criança e aos responsáveis, para que todos façam parte do processo, tornando-se uma oportunidade de diálogo que permite ao utilizador do serviço demonstrar seus pensamentos e sentimentos sobre o que foi exposto pelo profissional, traçando juntos novas formas para a superação de dificuldades.

As entrevistas devolutivas iniciam com a criança, e este movimento de informar primeiramente a criança antes da devolutiva com os pais se faz imprescindível para a eficácia do processo terapêutico. É importante que a criança saiba das informações observadas durante os encontros, afinal, o conteúdo é sobre ela. Consideramos fundamental que a criança tenha a possibilidade de participar desse momento, sendo olhada como ativa em todas as situações (CASTRO, 2021).

É na entrevista devolutiva que se discute os possíveis encaminhamentos necessários, buscando investigar as necessidades da criança e as possibilidades acessíveis e concretas de ajuda. Os atendimentos psicológicos devem acontecer de forma multidisciplinar, se houver a devida necessidade, em conjunto com neurologista, psiquiatra, fonoaudiólogo, psicopedagogo e outros profissionais, que podem contribuir para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, é muito importante que o psicólogo entenda essa necessidade e possa junto à família, solicitar os devidos encaminhamentos, favorecendo um fechamento diagnóstico mais eficaz e uma contribuição significativa em seus atendimentos (CASTRO, 2021).

6. DISCUSSÃO

A psicologia clínica, geralmente, detém uma tentativa de transformação da criança sem que a mesma seja o foco, não levando em conta suas percepções, sentimentos e sua singularidade, o que pode ser perceptível desde o início do processo psicoterapêutico em que a queixa em relação a criança é uma demanda dos adultos que convivem com ela. (TAKATUZI et al 2021 apud SOUZA, 2017). Então, é necessário que a psicoterapia se oponha a esse modelo e passe a contemplar a criança como um sujeito completo, colocando-a à frente do processo terapêutico, levando em conta suas demandas e necessidades reais (TAKATUZI et al 2021).

Dessa forma, é importante despertar a atenção para novas formas de pensar os processos de diagnóstico e intervenção com crianças e adolescentes que fujam da sistematização e que busquem uma análise individual-específico-total da subjetividade, ao mesmo tempo em que seja considerada as vivências de cada criança. A esfera individual abrange aquilo que é único. O específico vem da construção social e é atravessado pelo período histórico, grupo econômico e político que possibilitam as bases materiais para as mediações. E o total é o global, constituído pelas produções humanas e disponíveis na sociedade (MEXIA; PONTES, 2022).

O diagnóstico não se compõe unicamente por mediações sobre o intelecto da criança, nem por meio de testes ou por um processo de definição numérica. Ele abrange e investiga o surgimento e dados da maturidade, os fenômenos de ordem psíquica e nervosa, ponderando também os sintomas fisiológicos, usando o comparativo, descrição e comparação crítica (SILVA, 2023).

Para falarmos sobre diagnóstico é necessário entender o que Vigotski chama de Esquema Pedológico. Em resumo, a pedologia é a ciência do desenvolvimento da criança, que possui duas leis fundamentais para seu entendimento. A primeira é que o desenvolvimento infantil possui um início, etapas de desenvolvimento e fim. E o tempo relacionado a esse processo não está ligado ao tempo cronológico. O tempo de desenvolvimento é medido pelo tempo que esse lugar ocupa no desenvolvimento. Se uma criança possui um atraso de três meses em seu desenvolvimento, e esse atraso ocorre no seu 13º ano de vida, pode não ter um grande impacto, mas se esse mesmo tempo de atraso ocorrer no seu primeiro ano de vida, tem muito significado. Uma criança de dois anos com um atraso de um ano, não terá o mesmo desenvolvimento de uma criança com a idade real de dois anos, já se esse mesmo atraso ocorre em um adolescente de 15 anos, pode-se dizer que é insignificante. A importância de cada período de tempo se representa não pelo tamanho desse tempo, mas pelo lugar dele no período do desenvolvimento (PRESTES; TUNES, 2012).

Se observar duas crianças que nasceram no mesmo dia e no mesmo horário, ainda assim, elas estarão em períodos de desenvolvimento diferentes, podendo uma ter falado sua primeira frase composta aos dois anos e a outra aos dois anos e dois meses. As duas terão atingido o mesmo nível de desenvolvimento esperado para este período, porém em tempos diferentes. Então, a pedologia consiste em avaliar o nível de desenvolvimento que a criança realmente alcançou e não sua idade conforme a certidão de nascimento. Assim, na certidão de nascimento, as duas terão dois anos, mas se tratando de idade pedológica, a idade da fala, que foi citada no exemplo, é que uma criança possui dois anos e a outra dois anos e dois meses (PRESTES; TUNES, 2012).

A segunda lei diz que características isoladas não se desenvolvem de modo regular e proporcional. Nunca ocorre que partes do corpo de uma criança, crescem de forma igual, pode-se observar que em determinado tempo, as pernas possuem um crescimento maior que o tronco e a cabeça, por exemplo. Em cada período, um dos sistemas sempre cresce mais e outros, menos e mais

devagar. Certos aspectos do desenvolvimento da criança, como, o crescimento em altura e seu desenvolvimento mental, possuem relação entre si. Mas nunca vamos observar uma relação direta entre o desenvolvimento do corpo e da amplitude da mente. (PRESTES; TUNES, 2012).

Saber analisar em qual nível de desenvolvimento a criança se encontra é um procedimento fundamental que a pedologia opera. Ela se utiliza dessa ferramenta para avaliar o grau de divergência, para mais ou para menos, entre essa idade e a da certidão. Para acompanhar o desenvolvimento de qualquer particularidade da criança, como peso, altura, desenvolvimento da fala, teremos sempre que apresentar uma linha ondulada que segue com elevações, quedas e se move para cima, ou seja, se desenvolve em ciclos. O tempo desse desenvolvimento não é constante, períodos de elevações intensas são alternados por períodos de baixa intensidade (PRESTES; TUNES, 2012).

Vigotski descreve quais elementos considera fundamentais para a investigação do desenvolvimento da criança e iremos listar a seguir: (1) Queixa dos pais, da criança e da escola; (2) História do Desenvolvimento da Criança; (3) Sintomatologia do Desenvolvimento; (4) Diagnóstico Pedológico; (5) Descobrimto das Causas; (6) Prognóstico; (7) Prescrição Pedagógica e Pedagógico-Terapêutica (SILVA, 2023).

Vigotski, em *O Diagnóstico do Desenvolvimento e Clínica Pedológica da Infância Difícil*, confirma a materialidade ao processo dinâmico da avaliação do desenvolvimento e finaliza com os elementos “prognóstico” e “prescrição pedagógica e terapêutica”, que são o ensejo onde o passado, presente e futuro são vinculados de forma que o entendimento sobre o desenvolvimento da criança produza um planejamento para a intervenção que acredita tanto a dinâmica causal dos sintomas como as potencialidades da criança e viabilize que essa criança seja equipada para conseguir lidar com as questões da sua rotina cotidiana. O diagnóstico como concretude que emerge no processo de avaliação tem um sentido prospectivo, levando em consideração a historicidade da elaboração da constituição do desenvolvimento (passado e presente) de forma ampla, assim como do sintoma e das possibilidades para uma intervenção (SILVA, 2023).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de traçar pontes para o desenvolvimento infantil tendo como base teórica a Psicologia Histórico-Cultural com enfoque no diagnóstico e intervenções. Esperamos que este trabalho sirva de guia e contribua para o conhecimento sobre a PHC e estimule a busca por maior aprofundamento nesta teoria que é tão rica e importante, mas que ainda não possui tantos materiais comparados a outros estudiosos. Apresentamos a PHC e seus principais pensadores, a fim de que haja a compreensão do surgimento dessa teoria e de seus principais conceitos, mostrando a riqueza e a importância de um fazer clínico que considere o sujeito em sua totalidade, e não o

reduzindo apenas a sua psicopatologia.

A infância é um período complexo e muito importante para a formação do sujeito que, apesar de ser vista há muito tempo como apenas uma fase, somente um ser adulto em tamanho pequeno, através dos estudos aqui dirigidos, demonstra que vai além de uma simples fase, mas que carrega consigo períodos fundamentais. Grandes conceitos da teoria como a Mediação, Zona de Desenvolvimento Proximal e Intencionalidade foram aqui detalhados de forma muito cuidadosa para que se possa compreender sua devida importância.

Considerar o contexto histórico em que o sujeito está inserido e que sua cultura, suas vivências fazem parte da sua composição como ser no mundo, é considerar que o homem é um ser bio, psico e social. Possui suas formações biológicas e psicológicas, mas também vive em sociedade onde é produtor e elaborador da sua história. Vimos também a importância de investigar a idade pedológica, que diferente da idade cronológica, não se pode medir com o tempo, mas sim com o que a criança é capaz de realizar e em qual nível de desenvolvimento ela se encontra.

No modelo de atendimento psicológico prestado no projeto aqui relatado, o diagnóstico é a primeira fase do processo de atendimento psicológico, que busca investigar o funcionamento do desenvolvimento da criança no momento atual. A segunda fase se dá na intervenção e a terceira fase é a construção da conclusão do atendimento, sendo todas elas desenvolvidas intencionalmente pelo profissional que intervém (CASTRO, 2023).

O esquema apresentado acima, composto pelo número de entrevistas feito com a criança e com os responsáveis mostra que no trabalho com crianças o planejamento é fundamental, e que este só é possível com a contribuição dos responsáveis e da própria criança, pois é inserindo-a no processo de sua história que poderemos promover reflexões e desenvolvimento. É importante destacar que o processo terapêutico não deve acontecer de forma isolada e que além da família, da escola e da própria criança, outros encaminhamentos devem ser feitos caso haja necessidade, para oferecer o melhor atendimento a esta criança. Cada caso possui de forma singular seu próprio planejamento e seu próprio meio de intervir, considerando toda a história, cultura, e idade pedológica. Dessa forma, concluímos que mesmo que duas crianças possuam o mesmo diagnóstico, a forma de seu planejamento e intervenção será única.

8. REFERÊNCIAS

CASTRO, Jéssica Alves de *et al.* **Estudo sobre o Processo de Atendimento no Psicodiagnóstico Infantil.** 2021. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/mnphc/article/viewFile/10132/9936>. acesso em: 25 jul. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 6, de 29 de março de 2019.** Disponível em:

https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/69440957/do1-2019-04-01-resolucao-n-6-de-29-de-marco-de-2019-69440920. Acesso em: 8 set. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 13, de 15 de junho de 2022**. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-CFP-013-2022-06-15.pdf>. Acesso em: 8 set. 2023.

FERREIRA, C. R. C. **As contribuições da psicologia histórico-cultural aos psicólogos que trabalham junto às políticas públicas de assistência social voltadas às crianças entre zero e seis anos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

<https://www.scielo.br/j/pee/a/VdSbdKbdVyrWVBfrgnJTLfB/?format=pdf&lang=pt>. acesso em: 16 ago. 2023.

MEXIA, Maria Augusta Zago; PONTES, Beatriz Peixoto. **Práxis da Psicologia Histórico-Cultural com crianças da entrevista inicial à possibilidade de diagnóstico**. Orientadora: Patrícia Barbosa da Silva. 2022. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Paranaense, Umuarama - PR, 2022. Disponível em: https://www.unipar.br/documentos/525/Psicologia_m8ehux5.pdf. acesso em: 6 set. 2023.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **VYGOTSKY APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO: UM PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO**, 1997. Editora Scipione. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/fetch/74218955/51814759-Vygotsky-Aprendizado-e-Desenvolvimento-um-processo-socio-historico.pdf> . Acesso em 20 ago.2023.

PEREIRA, R. E., & Sawaya, B. B. (2020). **Práticas Grupais: espaço de diálogo e potência**. São Carlos: Pedro & João Editores.

PIRES, M. F. DE C. **O materialismo histórico-dialético e a Educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 1, n. 1, p. 83–94, ago. 1997.

PRESTES, Zoia TUNES, Elizabeth. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. 2012. Livro. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes da. **Psicologia Clínica Infantil: enfoque histórico-cultural**. Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2023. Disponível em: <http://www2.uesb.br/editora/wp-content/uploads/Psicologia-Clinica.pdf>. Acesso em: 4 set. 2023.

SILVA, Silvia Maria Cintra da; RIBEIRO, Maria José. **Entrevistas em Psicologia Escolas: Reflexões sobre o ensino e a prática**. Orientador: Viviane Prado Buiatti Marçal. 2004. v. 1, TCC (Especialização) Curso de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 2004.

SOUZA, Karina Carvalho. **Infância (s) e Criança (s) Sob o Olhar da Psicoterapia: Concepções de Estagiárias em Psicologia**. 2017. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi/UFRN)- Natal- Brasil, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/23639/1/KarinaCarvalhoVerasDeSouza_TESE.pdf . Acesso em: 15 ago. 2023

TAKATUZI, Marina Amaral *et al.* **Mediação Psicoterapêutica na Clínica Histórico-Cultural com Crianças**. 2021. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Vitória da Conquista – Bahia –

Brasil, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/mnphc/article/viewFile/10134/9938>. acesso em: 8 mai. 2023.

TOSTA, C. G. **Vigotski e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores**. Perspectivas em Psicologia, v. 16, n. 1, 30 jun. 2012.

VIEIRA, Ana Paula Alves (ed.). **Avaliação psicológica de crianças que enfrentam dificuldades escolares**: proposta a partir da psicologia histórico-cultural. Paranavai: EduFatecie, 2022. *E-book* (328p.) color. ISBN: 978-65-87911-88-5. DOI: <https://doi.org/10.33872/edufatecie.avaliacaopsico>.

VIGOTSKI, L. S. **Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil [Esquema de Investigação Pedológica]** Tradução do espanhol e organização das partes 5 e 6: Achilles Delari Junior. Jul, 2008. Trabalhos Seleccionados. Volume 5 – Fundamentos da defectologia Madrid: Visor e Ministério da Educação e Ciência, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.